

*A representação de pessoas em situação de rua quando vítimas de chacina:
uma análise discursiva crítica*

VIVIANE DE MELO RESENDE
Universidade de Brasília

ANDREIA ALVES DOS SANTOS
Universidade de Brasília

Resumen. En enero de 2010, cuatro hombres en situación de sin techo, recolectores de materiales reciclables en Salvador, fueron asesinados a balazos, en otro caso de masacre de personas en esta situación. Entre las representaciones disponibles de este evento, hemos seleccionado como foco de este artículo: (1) el texto publicado en el periódico *A Tarde OnLine*, de Salvador, titulado “Quatro moradores de rua executados em chacina no fim de linha do Cabula VI” y (2) el texto “Em Salvador (BA), assassinatos evidenciam violência contra moradores de rua”, publicado por Adital (Agencia de Información Fray Tito para América Latina) y también publicado en el Portal Rede Rua, vinculada al Movimento Nacional da População de Rua (MNPR). Basado en el Análisis Crítico del Discurso, y tomando estos datos como objeto, podemos reflexionar sobre la (de)construcción de la imagen de las personas sin hogar en los medios de comunicación, en particular en casos de extrema violencia contra las personas en esta situación.

Palavras clave: *Análisis Crítico del Discurso, representación, medios de comunicación, personas en situación de sin hogar.*

Resumo. Em janeiro de 2010, quatro homens em situação de rua, catadores de materiais recicláveis em Salvador, foram assassinados a tiros, em mais um caso de chacina contra pessoas em situação de rua. Entre as representações disponíveis desse evento, selecionamos como foco deste artigo: (1) o texto publicado no jornal *A Tarde OnLine*, de Salvador, intitulado “Quatro moradores de rua executados em chacina no fim de linha do Cabula VI”, e (2) o texto “Em Salvador (BA), assassinatos evidenciam violência contra moradores de rua”, publicado pela Adital (Agência de Informação Frei Tito para América Latina) e também divulgado no *Portal Fala Rua*, vinculado ao Movimento Nacional da População de Rua (MNPR). Com base na Análise de Discurso Crítica, e tomando esses dados como objeto, refletimos acerca da (des)construção da imagem de pessoas em situação de rua na mídia, especificamente na representação de evento de violência extrema contra pessoas nessa situação.

Palavras-chave: *Análise de Discurso Crítica, representação, mídia, situação de rua*

Abstract. On January 16 2010, four homeless men, collectors of recyclable materials in Cabula VI, Salvador, were shot to death in another case of slaughter against people in homelessness. Among the available representations of this event in the media, we selected to analyze in this paper: (1) the text published in the newspaper *A Tarde OnLine*, from Salvador, titled “Quatro moradores de rua executados em chacina no fim de linha do Cabula VI”, and (2) the text “Em Salvador (BA), assassinatos evidenciam violência contra moradores de rua”, published in *Portal Fala Rua*, linked to the National Movement of Street Population (Movimento Nacional da População de Rua). Based on Critical Discourse Analysis, and taking these data as object, we reflect on the (de)construction of homeless people in the media, specifically in the representation of events of extreme violence against people in this situation.

Key words: *Critical discourse analysis, representation, media, homelessness*

*Introdução*¹

A situação de rua é hoje um problema social, de contornos globais, ao qual as sociedades podem responder de muitas maneiras diferentes. A pobreza extrema tornou-se foco de interesse de

diversas disciplinas e de campos interdisciplinares, mobilizando diferentes setores da sociedade e conquistando um espaço importante de reflexão no campo do discurso.² Se, nesse contexto, por um lado fortalecem-se discursos de protagonismo e de direitos humanos, por outro lado também recrudescem perspectivas preconceituosas, muitas vezes divulgadas na grande mídia. Pela dialética entre discurso e sociedade, essas representações podem forjar identidades e legitimar formas de ação em relação à vulnerabilidade social.

Buscando contribuir para a reflexão dessas questões, apresentamos análises, embasadas na Análise de Discurso Crítica, de duas notícias que veicularam o assassinato de quatro pessoas em situação de rua em um bairro de Salvador denominado Cabula VI. Para a análise dos modos de representação desse evento, selecionamos dois textos produzidos em diferentes contextos institucionais. O primeiro texto foi publicado pelo jornal *A Tarde OnLine*, sob o título “Quatro moradores de rua executados em chacina no fim de linha do Cabula VI”, no dia 16 de fevereiro de 2010. O segundo, intitulado “Em Salvador (BA), assassinatos evidenciam violência contra moradores de rua”, foi publicado pela agência Adital em 22 de fevereiro de 2010, e divulgado no *Portal Fala Rua*, vinculado ao Movimento Nacional da População de Rua (MNPR). Ambos os textos representam eventos ligados ao assassinato dessas quatro pessoas.³

Analisando os recursos linguísticos utilizados na construção dos dois textos, podemos observar como essas diferentes mídias representam pessoas em situação de rua, e com base nesses dados podemos refletir acerca da (des) construção da imagem dessa parcela da população nacional na mídia, especificamente na representação de evento de violência extrema. Assim, comparamos a representação do extermínio nos diferentes veículos, e analisamos como os textos constroem uma ‘lógica de aparências’ ou uma ‘lógica explanatória’, nos termos de Fairclough (2003), entre o evento representado e suas relações causais com outros eventos e práticas. Analisamos, também, os significados discursivamente construídos para a expressão “moradores de rua”, adotada nos dois textos e nas respectivas manchetes.

Para apresentar essas reflexões, organizamos este artigo em três seções. Na primeira, traçamos considerações acerca da Análise de Discurso Crítica, que constitui arcabouço teórico-metodológico adequado ao trabalho analítico que propomos. Na segunda seção, refletimos acerca da relevância dos meios de comunicação na divulgação e manutenção de significados ideológicos, mas também seu potencial para a mudança sociodiscursiva. Em seguida, na terceira seção, abordamos a situação de rua como problema social parcialmente discursivo e analisamos as representações da situação de rua e de um evento de extermínio nos textos selecionados. Por fim, apresentamos algumas considerações acerca dessas representações e dos modos como podem sustentar preconceitos ou servir de ferramenta para a divulgação de discursos alternativos.

1. Análise de Discurso Crítica e seu potencial explanatório

A Análise de Discurso Crítica, doravante ADC, pode ser definida como “um tipo de investigação analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combatidos por textos orais e escritos no contexto social e político” (van Dijk, 2010: 113), ou ainda como “uma forma de ciência social crítica dirigida a uma melhor compreensão da natureza e das fontes de problemas sociais, dos obstáculos para seu enfrentamento e das possíveis maneiras de superá-los” (Fairclough, 2010: 235). Além desse posicionamento explícito em relação aos objetos de estudo, um aspecto basilar de uma proposta científica com esse contorno é seu interesse nas relações internas entre linguagem e sociedade, e para formular teorias do funcionamento social da linguagem, as versões de ADC são caudatárias de relações interdisciplinares.⁴

Ao discutir a relação entre linguagem e sociedade, Fairclough (2003) recontextualiza a noção de *poderes causais* do Realismo Crítico para propor que textos também têm *efeitos causais*, isto é, que assim como são efeitos de práticas e eventos sociais, textos também podem modificar os modos como compreendemos eventos e práticas, como nos identificamos e como agimos no mundo. Assim, à ADC interessa investigar a relação entre linguagem e sociedade, em termos dos efeitos causais da estruturação social na formulação de textos e dos efeitos causais de textos na sociedade. A relação de mão dupla entre linguagem e sociedade significa que textos são resultantes da estruturação social da linguagem, mas são também potencialmente transformadores dessa estruturação (Fairclough, 2000). Em obra que trata especificamente da ADC aplicada ao jornalismo, Richardson (2007: 37)

define assim a Análise de Discurso Crítica: “A ADC aborda o discurso como um processo circular em que, por um lado, as práticas sociais influenciam textos, moldando o contexto e o modo como são produzidos, e, por outro lado, os textos influenciam a sociedade”. Assim, uma análise discursiva crítica é eficiente quando possibilita ao/à analista compreender e explicar a materialização discursiva de problemas sociais.

Isso nos leva ao terceiro ponto em comum entre as diferentes versões de ADC, apontado por Resende (2009): análises discursivas críticas são textualmente orientadas, isto é, a crítica aos problemas sociodiscursivos que investigamos toma por base análises linguísticas de textos. No caso deste artigo, buscamos realizar uma reflexão acerca do caminho escolhido pelo jornal *A Tarde OnLine* ao representar as quatro pessoas em situação de rua assassinadas no Cabula IV e o evento de seu assassinio, considerando o mesmo evento representado também no *Portal Fala Rua*, associado ao Movimento Nacional da População de Rua (MNPR). A reflexão aqui levantada objetiva, sobretudo, apontar como as escolhas linguísticas (por exemplo, o léxico e a própria construção da notícia) podem ter o efeito de naturalizar a violência extrema contra pessoas em situação de rua ou, ao contrário, de problematizá-la.

Um aspecto relevante da proposta da ADC é seu caráter científico. As ferramentas analíticas sistematicamente aplicadas a um *corpus* e associadas a conceitos relativos ao funcionamento da linguagem na sociedade garantem uma análise minuciosa de textos. Assim, os métodos para análise de textos desenvolvidos em ADC evitam que o procedimento analítico se confunda com meros comentários a respeito do objeto. Trata-se, portanto, de realizar interpretação e explanação balizadas por um arcabouço teórico-metodológico complexo e sistemático.

Esses métodos proporcionam movimentos entre os campos linguístico e social, já que o discurso é compreendido como parte integrante de toda prática social, e assim como textos podem ter o efeito potencial de ‘justificar’, ainda que implicitamente, o assassinato de pessoas em situação de rua, também podem desvelar hegemonias sustentadas e, assim, abrir caminhos para a transformação de práticas e a desconstrução de preconceitos.

2. *Mídia, ideologia e a representação de eventos e práticas sociais*

É sabido que com o advento das novas tecnologias de comunicação foi ampliada a difusão de informação por uma diversidade de meios. A modernização dos meios de comunicação facilitou a divulgação de uma variedade de objetos midiáticos, e com isso ampliou-se a possibilidade de dispersão de conteúdos simbólicos. Para Thompson (2009: 343), o “desenvolvimento da comunicação de massa aumenta, significadamente, o raio de operação da ideologia nas sociedades modernas, pois possibilita que as formas simbólicas sejam transmitidas para audiências extensas e potencialmente amplas que estão dispersas no tempo e no espaço”. Uma decorrência disso é que os meios de comunicação são potenciais agentes de construção e dispersão de formas de pensar e entender o mundo, o que, pela dialética entre os três principais tipos de significado do discurso – representação, identificação e ação –, pode ter influência nos modos como nos identificamos e agimos em relação a eventos e práticas sociais. Entre os conteúdos simbólicos veiculados pela mídia, estão também discursos ideológicos, que podem ter efeito na sustentação de relações de poder. Pontos de tangência entre mídia e ideologia têm sido amplamente estudados em ADC, por exemplo em Fairclough (1989), Pardo Abril (2008), van Dijk (2010), entre muitos/as outros/as.

É importante entendermos que a ideologia, nessa perspectiva teórica, não é neutra. Ao contrário, discursos ideológicos podem ser usados como instrumentos para o estabelecimento e a manutenção de hegemonias, assim como podem ser questionados em lutas hegemônicas, já que toda hegemonia, segundo Gramsci (1995), é um equilíbrio instável, aberto a disputas pelo poder. Em outras palavras, conteúdos simbólicos podem ser classificados como ideológicos quando estão a serviço da manutenção de assimetrias nas relações e práticas sociais (Thompson, 2009). E, de acordo com Fairclough (1997), quanto menos forem percebidos como ideológicos, mais eficientes serão. Daí decorre a relação entre ideologia e luta hegemônica, e é nessa vertente que trabalhamos em busca de apontar, por meio de análise discursiva crítica, modos particulares de representação.

Com base nessas proposições, a crítica social de textos tem um foco potencial na análise da vinculação dos textos analisados a uma lógica de aparências ou a uma lógica explanatória, conforme sugere Fairclough (2003). Segundo o mesmo autor, os dois tipos de lógica podem ser diferenciados na formulação de textos no sentido de que textos vinculados à lógica de aparências apenas listam

uma seleção de fatores relacionados aos eventos representados, sem referência às práticas e às estruturas determinantes desses eventos, e textos vinculados à lógica explanatória incluem uma elaboração das relações causais entre eventos, práticas e estruturas.

Na definição que oferece da prática e da função do jornalismo, Richardson (2007:7) vincula-o à lógica explanatória, contrariando opiniões segundo as quais o jornalismo seria uma prática a serviço da manutenção do poder:

O jornalismo existe para possibilitar aos/às cidadãos/ãs uma melhor compreensão de suas vidas e de suas posições no mundo. O sucesso ou fracasso do jornalismo – em outras palavras, o grau em que cumpre essa tarefa ou não – pode ser medido em quanto consegue cumprir esse papel de confiança: o jornalismo ajuda você a compreender o mundo e sua posição no mundo?

Entretanto, muitos estudos comprovam que textos jornalísticos têm, sim, sido utilizados de forma ideológica (Thompson, 1995; Pardo Abril, 2007), com efeitos potenciais de reificação de significados e de manutenção de relações de poder (Pardo Abril, 2008). Por outro lado, a emergência de mídias alternativas, que algumas vezes exemplificam a função explanatória da prática jornalística conforme a definição de Richardson, mostra que uma associação direta e restrita entre mídia e ideologia seria demasiado simplista. Exemplos disso são os chamados *street papers* 5, investigados no projeto integrado “Publicações em língua portuguesa sobre a situação de rua: análise de discurso crítica” 6 (Resende, 2010) e o próprio *Portal Fala Rua*, que tomamos aqui como objeto ao lado do jornal *A Tarde*.

O balanço de poder entre a mídia alternativa e a chamada grande mídia (Acosta e Resende, no prelo), tanto em termos de sua penetração na sociedade quanto em termos de sua legitimidade no tecido social, é uma questão a ser debatida. Para Richardson (2007:13, grifos no original),

O uso da linguagem tem poder. Entretanto, o modo de operação do poder da linguagem não é democrático. A palavra de algumas pessoas é claramente mais poderosa que a de outras; a opinião de certas pessoas tem mais credibilidade e autoridade que a opinião de outras. (...) Do mesmo modo, certas formas de comunicar têm mais poder que outras; certos gêneros da comunicação têm mais efeitos potenciais na vida social que outros – tanto em termos de efeitos positivos quanto negativos.

Tratando dos efeitos sociais do jornalismo, Richardson (2007) enfatiza que o significado discursivo de um texto não é resultado direto da codificação/ decodificação de mensagens, uma vez que nossa avaliação do conteúdo de textos é afetada por nosso julgamento sobre quem os produz e sobre as instituições a que se filiam. Ademais, certos gêneros e suportes resultam mais eficazes que outros, o que também tem sido discutido por van Dijk (2010).

Na próxima seção, focalizamos a situação de rua como problema social parcialmente discursivo e apresentamos nossas análises dos textos, apontando modos de representação da situação de rua e de pessoas que enfrentam essa condição em *A Tarde OnLine* e no *Portal Fala Rua*.

3. A situação de rua e sua (in)visibilidade social: *A Tarde OnLine* e *Portal Fala Rua*

Embora a situação de rua seja um problema global, considerando-se que há hoje, em todo o mundo, cerca de 100 milhões de pessoas vivendo nas ruas (ONU, 2011), “a crise global das pessoas em situação de rua é não apenas comum, mas também ignorada, despercebida ou mal compreendida” (INSP, 2011). Acerca das representações sociais da situação de rua, Mattos e Ferreira (2004: 47-8) apontam:

Alguns as vêem como perigosas, apressam o passo. Outros logo as consideram vagabundas e que ali estão por não quererem trabalhar, olhando-as com hostilidade. Muitos atravessam a rua com receio de serem abordados por pedido de esmola, ou mesmo por pré-conceberem que são pessoas sujas e mal cheirosas. Há também aqueles que delas sentem pena e olham-nas com comoção ou piedade. (...) Habitados com suas presenças, parece que estamos dessensibilizados em relação à sua condição. (...)87 Viviane de Melo R. e Andreia Alves dos S.: *Representação de pessoas em situação de rua quando ...*

Observa-se, assim, a existência de representações sociais pejorativas, em relação à população em situação de rua, que se materializam nas relações sociais. Estes conteúdos interferem na constituição da identidade destas pessoas: é conhecimento socialmente compartilhado e utilizado como suporte para a construção de suas identidades pessoais. Trata-se de conteúdos simbólicos de cunho ideológico, na medida em que favorecem a cristalização de relações de exploração e dominação.

Representações como essas, muitas vezes repetidas em diferentes tipos de textos orais e escritos, têm impacto sobre as construções identitárias de pessoas em situação de rua, além de seus efeitos potenciais nos modos como agimos em relação a essa situação. A repetição dessas representações pejorativas e sua aceitação pela sociedade, servindo de base para preconceito, poderia explicar, ao menos em parte, um contexto que apresenta, cada vez com maior frequência, repetidas chacinas, assassinatos brutais de seres humanos por seres humanos que já não se identificam com as pessoas que vivem nas ruas das grandes cidades? Segundo o Movimento Nacional da População de Rua (MNPR), apenas em 2011 foram contabilizados 142 assassinatos de pessoas em situação de rua, e a maior parte desses crimes permanece impune. Segundo Ruggi e Barbosa (2011: 3), “A cada dois dias é assassinada uma pessoa em situação de rua no Brasil. Isso é o que se conclui do levantamento realizado a partir de notícias de jornais. São 142 mortos em 2011”. O ano de 2010 não foi diferente.

Em 16 de janeiro de 2010, quatro homens em situação de rua, catadores de materiais recicláveis no Bairro Cabula VI, Salvador, foram assassinados a tiros, em mais um caso de chacina contra pessoas em situação de rua. O evento foi noticiado e, como se sabe, é significativa a contribuição da mídia em (des)construir a imagem de diferentes grupos sociais, quando representados em notícias ou outros produtos midiáticos. Entre as representações disponíveis desse evento, foram selecionados: (1) o texto publicado no jornal *A Tarde OnLine*, de Salvador, e (2) o texto divulgado pelo *Portal Fala Rua*, vinculado ao Movimento Nacional da População de Rua (MNPR). 7

Já nas manchetes, podemos perceber diferenças nas representações do evento. Observem-se os exemplos (1) e (2):

- (1) Quatro moradores de rua executados em chacina no fim de linha do Cabula VI (Manchete de *A Tarde OnLine*)
- (2) Em Salvador (BA), assassinatos evidenciam violência contra moradores de rua (Manchete do *Portal Fala Rua*)

As manchetes configuram o ‘marketing’ da notícia, e todo/a jornalista sabe disso. Não basta escrever uma boa história; é preciso vendê-la, e vendê-la bem. Por essa razão, parece razoável depreender da própria manchete o tratamento que será dado à notícia.

É bem possível que os/as leitores/as estejam acostumados/as a notícias sob a primeira rubrica, visto não se configurar ocorrência rara. A manchete do Exemplo (1), aliás, recorre ao léxico policial esperado: “executados” e “chacina”. A segunda manchete, além de introduzir ao/à leitor/a o tema que será tratado, indicia *como* será tratado. Não se espera apenas mais um relato de assassinato de pessoas em situação de rua; espera-se também a representação explícita de violência contra um grupo minoritário. Nesse Exemplo (2), a escolha na representação já indica esse foco, em “evidenciam violência contra”, o que vincula esse episódio ao histórico de casos semelhantes. Note-se como a seleção por ‘evidenciar’ constrói estrutura de pressuposição, em que a existência de violência sistemática contra a população em situação de rua é o pressuposto em cuja base se sustenta a proposição.

Vejamos como o jornal *A Tarde* inicia a representação do evento em questão (grifos nossos):

- (3) *De forma brutal*, quatro homens, moradores de rua que catavam lixo para sobreviver, foram assassinados, *atingidos na cabeça por arma de fogo, à queima-roupa*. A chacina aconteceu neste sábado, por volta das 7h, *na Rua Teódulo Albuquerque, final de linha do Cabula VI*. A delegada titular da Delegacia de Homicídios, Francineide Moura, tinha poucas informações sobre o caso, mas, segundo moradores, quatro homens armados teriam chegado atirando em um automóvel GM Celta da cor preta.

No início desse excerto, a circunstância “de forma brutal” constrói avaliação que caracteriza o assassinato dos quatro homens. Considerando o Sistema de Transitividade proposto em LSF

(Halliday, 2004), as três funções experienciais reconhecidas nos processos, participantes e circunstâncias configuram ferramentas que possibilitam reconhecer diferentes aspectos representacionais. Para Alexandre e Resende (2010: 137), retomando Halliday (2004), nessa perspectiva representacional de textos,

os processos constituem o elemento central da oração e os participantes são entendidos como entidades inerentes ao processo, diretamente envolvidas naquilo que está a ser representado. Por seu turno, as circunstâncias são elementos “quase sempre opcionais”, periféricos em relação ao processo, mas que têm a particularidade de “expandir o centro experiencial”, seja temporalmente, espacialmente ou causalmente, entre outras possibilidades.

O trecho de *A Tarde* que vimos no Exemplo (3) é rico em circunstâncias, expandindo a informação central ‘Quatro homens moradores de rua foram assassinados’. A ação representada em voz passiva é pormenorizada pela explicitação do instrumento utilizado – “arma de fogo” – e pela descrição da ação – “atingidos na cabeça” e “à queima-roupa”. A representação, notadamente no grupo adverbial “à queima-roupa”, sinaliza possibilidade praticamente nula de reação ou defesa, enfatizando o caráter de extermínio do crime. Ainda nesse Exemplo (3), destaque-se a oração encaixada “que catavam lixo para sobreviver”. Sua função, nesse contexto, é associar as vítimas a uma atividade laboral. Ainda que o processo ‘catar’ possa ser associado à ‘catção de materiais recicláveis’ ou à ocupação de ‘catadores de materiais recicláveis’, o resultado semântico da combinação dos recursos linguísticos utilizados para texturizar tal atividade em “catavam lixo para sobreviver” não imputa, com eficiência, a ideia de trabalho. A estrutura escolhida para compor a notícia poderia levar o/a leitor/a ao sentimento de piedade e não ao reconhecimento de uma identidade laboral, visto que um dos efeitos de sentido que se pode construir é o da pessoa que vive de restos de comida: “lixo para sobreviver”. Se as vítimas fossem identificadas como ‘catadores de material reciclável’, no entanto, o efeito poderia ser a associação mais clara com uma atividade profissional.

Na sequência desse mesmo texto, após noticiar o assassinato dos quatro homens em situação de rua, relaciona-se esse evento de violência a outros que, nessa representação, lhe seriam associados. Observem-se os parágrafos no Exemplo (4):

(4) Crimes bárbaros – Esta já é a segunda chacina que acontece na Bahia nos primeiros 16 dias de 2010. Em janeiro deste ano, quatro pessoas de uma mesma família foram brutalmente assassinadas a golpes de facão dentro da própria casa, na zona rural do município de São Sebastião do Passé (a 59 km de Salvador).

Em dezembro do ano passado, outras duas chacinas já tinham chocado a população baiana. No dia 27 de dezembro, três jovens foram executados em Nova Constituinte enquanto conversavam na rua onde moravam. Outros quatro homens foram assassinados a tiros por quatro encapuzados na localidade do Golfo Pérsico, na Boca do Rio, no dia 3 de dezembro; o crime teria sido cometido por policiais militares em represália ao assassinato do PM Edmilson Nascimento.

As representações dos quatro crimes contêm, basicamente, as mesmas informações: caracterização do evento e das vítimas, com destaque para as formas como perderam suas vidas e o local onde residiam. Essa estrutura informacional é esperada no gênero notícia policial, mas o que chama atenção é a associação que implicitamente se constrói entre a chacina dos quatro homens em situação de rua e os demais crimes. Compondo uma sucessão de eventos de violência, entre os quais apenas o mais recente envolve a população em situação de rua, o jornal dilui a violência específica contra essa parcela da população. Em outras palavras, a representação desse evento é descolada da questão social muito maior que envolve esse grupo populacional. Escolhendo priorizar o contexto local, o jornal deixa de estabelecer relações com muitos outros eventos de chacina de pessoas em situação de rua no país. Como consequência, o assassinato dos quatro homens é aproximado de outros eventos de violência alheios aos massacres contra pessoas e famílias em situação de rua.

Outros pontos relevantes são o apagamento dos motivos de duas das quatro chacinas representadas no texto e o realce das conjecturas que envolvem a morte das quatro pessoas em situação de rua e dos suspeitos de assassinarem um policial. No primeiro caso, “alguns moradores

do Cabula IV cogitam a possibilidade de o crime ter sido cometido para tirar os moradores de rua da área”. Há, nesse excerto, modalização epistêmica de baixa afinidade, marcada, principalmente, pelo pré-modificador ‘alguns’, pelo processo mental ‘cogitar’, pelo substantivo modal ‘possibilidade’ e pela construção verbal com ‘ter sido’. 8 A ausência de problematização dessa ‘possibilidade’ configura um apagamento significativo, reforçando o discurso ideológico da indiferença social, naturalizando o extermínio de pessoas em situação de rua como algo tolerado e passível de compreensão, já que dispensa qualquer explicação ou pormenor. Isso é significativo se, com Fairclough (2010: 247), entendemos que “textos constroem semioticamente identidades e, simultaneamente, buscam garantir um caráter persuasivo para essas construções”.

O texto publicado no *Portal Fala Rua* apresenta indícios de recontextualização do texto de *A Tarde OnLine*, notadamente nos dois primeiros parágrafos. Há, entretanto, diferenças notáveis na representação discursiva do evento. Antes de discutir os indícios de recontextualização e as diferenças representacionais, é importante registrar que o texto “Em Salvador (BA), assassinatos evidenciam violência contra moradores de rua” foi inicialmente publicado, no dia 22 de fevereiro de 2010, pela Agência Adital, assinado pela jornalista Nathasha Pitts.⁹ Posteriormente, o *Fala Rua*, ligado ao Movimento Nacional da População de Rua, veiculou a notícia em seu portal, caminho pelo qual tivemos acesso a esse texto.

Quanto aos indícios de recontextualização da representação do evento, uma das pistas é a estruturação semelhante das informações basilares do fato noticiadas em *A Tarde OnLine*, como visualizamos no Quadro 1, a seguir:⁹¹ Viviane de Melo R. e Andreia Alves dos S.: *Representação de pessoas em situação de rua quando ...*

A Tarde OnLine	Portal Fala Rua
(...) foram assassinados, atingidos na cabeça por arma de fogo, à queima-roupa.	(...) foram assassinados à queima roupa com tiros na cabeça.
A delegada titular da Delegacia de Homicídios, Francineide Moura, tinha poucas informações sobre o caso (...)	As investigações ainda não foram concluídas e não há indícios de quem praticou os crimes e qual a motivação.
“Ainda temos poucos detalhes sobre como aconteceu esse crime.” (voz da delegada)	
A polícia ainda não tem pistas sobre os motivos da chacina	
“Os moradores do local não querem falar, reina a lei do silêncio”, diz a delegada (...)	Com medo, os moradores do bairro não querem se pronunciar.
Não foram encontradas armas, nem drogas próximas aos corpos.	Próximo aos corpos dos quatro homens não foram encontradas drogas ou armas.

Quadro 1. Indícios de recontextualização

Os dois primeiros parágrafos do texto publicado no *Portal Fala Rua* recontextualizam dados publicados 38 dias antes, porém apagando as conjecturas levantadas no primeiro texto, como a motivação da chacina, por exemplo. Ainda assim, a tessitura realizada na representação do evento em discussão funciona como ponto de partida para uma abordagem mais ampla no tocante à situação de rua. Assumindo uma lógica explanatória (Fairclough, 2003), o texto parte de um evento específico (o assassinato dos quatro homens em Cabula IV) para uma conjuntura mais ampla – que se relaciona com a população composta “de 50 a 60 mil pessoas em todo o Brasil”. Assim, ao contrário do texto de *A Tarde OnLine*, que representa apenas os homens assassinados, no texto publicado no *Portal Fala Rua* temos um crescendo que vai de “moradores de rua” para “parcela da população” e para “população em situação de rua”, passando por “povo da rua”, lexia amplamente utilizada pelo MNPR. Outra distinção fundamental entre os dois textos, em relação à representação de atores sociais, é a nomeação dos quatro homens assassinados, “Itamar Silva de Jesus, Luís Eduardo da Paixão, Élio Barreto Silva e Rosalvo”, no texto do *Portal Fala Rua*. Em *A Tarde OnLine*,

ao contrário, as vítimas da chacina são categorizadas como grupo, e não representadas individualmente (van Leeuwen, 2008).

A notícia assinada por Nathasha Pitts pode ser dividida em quatro partes. Os dois primeiros parágrafos (re)contextualizam a chacina, com as diferenças e semelhanças já discutidas. Os três parágrafos seguintes, copiados nos excertos (5) e (6), compõem a segunda parte do texto e noticiam uma homenagem “organizada pelo povo da rua” em memória das vítimas. No primeiro desses parágrafos, lemos:

- (5) Em memória aos cinco moradores de rua assassinados apenas neste ano, foi realizada, no sábado, dia 20, uma celebração no local da chacina. Na ocasião estiveram presentes cerca de 500 pessoas, entre eles moradores de rua, moradores do Cabula VI, deputados, vereadores e pessoas engajadas na luta pela transformação da vida dessa parcela da população. A celebração foi organizada pelo povo da rua.

Nesse exemplo, a presença no evento de atores socialmente legitimados, associada à informação de que o manifesto foi organizado pelo “povo da rua”, conduz a um olhar diferente desse grupo que muitas vezes é representado como um “coletivo formado por vagabundos, desordeiros, viciados e incapazes” (Valencio *et al.*, 2008:46). Na representação em foco, ao contrário, constrói-se agência em ação coletivamente estruturada. Ainda, ao invés de atomizar o evento da chacina, dissociando-o da conjuntura em que se inscreve – como faz o texto de *A Tarde OnLine* –, no texto do *Portal Fala Rua* essa chacina é representada como uma entre outras, notadamente por meio de “cinco moradores de rua assassinados *apenas neste ano*”, o que inclui esse crime num quadro de crimes semelhantes no passado.

Na sequência do texto, temos os seguintes parágrafos (grifos nossos):

- (6) “Após a celebração uma senhora me disse que nunca tinha ouvido falar dos moradores de rua como foi colocado na ocasião. Acredito que *após participar da celebração muitas pessoas poderão ver os moradores de rua como homens e mulheres capazes de encontrar uma aurora em sua vida*. A força do testemunho dos moradores de rua foi mostrada por meio da atuação na celebração”, afirmou Frei Henrique Peregrino, membro do Conselho Editorial do jornal *Aurora da Rua*.

A partir da *mudança no modo como as pessoas veem esta parcela da população*, Frei Henrique acredita que pode haver um impacto positivo a longo prazo. “Esperamos que a sociedade possa *despertar e ter um olhar diferente*. Que possam *ver o morador de rua como um ser humano cheio de potencial e que tem a possibilidade de viver em plenitude*. Nós temos o *dever de permitir que estas pessoas vivam tendo todos os seus direitos respeitados*”, almeja.

As estruturas de pressuposição mapeadas nesse excerto, realçadas em itálico, destacam a questão da alteridade, do olhar para o outro.¹⁰ Toma-se por pressuposto certo ‘modo de ver’, um ‘olhar’ discriminatório incapaz de reconhecer no outro “um ser humano cheio de potencial” – desvela-se um dos grandes problemas que pessoas em situação de rua enfrentam. Esse problema pode ser traduzido como um julgamento, por parte dos demais membros da sociedade, cuja sentença é uma vida sem perspectiva e a negação de direitos de cidadania (pressuposto ativado em “temos o dever de *permitir que*”).

Assim, o excerto conclama a um ‘olhar’ para além do ‘indesejável’. Enquanto essa “mudança no modo como as pessoas veem” é modalizada como uma possibilidade desejável (em “A partir da mudança (...) *pode haver um impacto positivo*”; em “*Esperamos que a sociedade possa despertar*”; e em “*Que possam ver o morador de rua como um ser humano*”), o dever moral de agir pela garantia de direitos é modalizada como necessidade: “Nós *temos o dever de permitir que estas pessoas vivam tendo todos os seus direitos respeitados*”. Note-se que o uso do “nós” inclusivo aqui apela para o engajamento também do/a leitor/a, assimilado em um ‘nós’ que não pode ‘fechar os olhos’ ao problema, para usar a mesma metáfora de visão recorrente no trecho.

Uma última observação sobre o Exemplo (6). Em “A partir da *mudança no modo como as pessoas veem esta parcela da população (...) pode haver um impacto positivo a longo prazo*”, reconhece-se o potencial do discurso na sociedade. Ainda que sem lançar mão do léxico específico da análise de discurso, o relato de fala de Frei Henrique sinaliza para a dialética entre representação e ação: uma transformação nos discursos com base nos quais se compreende a situação de rua poderia impactar nos modos como agimos no enfrentamento do problema.

Nos dois parágrafos que compõem a terceira parte do texto, o foco desloca-se para a Pesquisa Nacional sobre a População de Rua e para o “perfil” da população em situação de rua. Vejamos (grifos nossos):

(7) Em 2008, a Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, realizada durante o ano de 2007 pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), mostrou *um pouco da realidade da população da rua do Brasil*. A pesquisa mostrou que, *de cada cem pessoas em situação de rua, 71 trabalham e 52 têm pelo menos um parente na cidade onde vivem*. O trabalho mais frequente é a coleta de recicláveis, seguida pela atuação como “flanelinha”, carregador, atuação na construção civil e no setor de limpeza.

Para Frei Henrique, pela quantidade de moradores de ruas, de 50 a 60 mil pessoas em todo o Brasil, *é difícil e complexo tentar traçar um perfil*. “Existem vários fatores que motivam alguém a ir para a rua, não é possível definir uma causa única. Por este motivo, a saída da rua é uma construção a longo prazo, pois se vai reconstruir uma história. É necessário haver uma construção da identidade, reconstrução dos laços familiares, depois vem a entrada no mercado de trabalho e como último passo a aquisição de uma moradia”, explica.

Ao contrário da representação em *A Tarde OnLine*, no texto publicado no *Portal Fala Rua* o Estado é representado, primeiramente, nesse excerto, por referência ao Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, responsável pela realização de uma pesquisa que institucionaliza a realidade da população em situação de rua, (re)colocando-a sob a rubrica do Estado. Outro ponto de relevo nesse trecho é a representação da atuação da população em situação de rua no mercado, ainda que informal, de trabalho, pondo em xeque o discurso hegemônico que insiste em qualificar pessoas nessa situação como ‘desocupadas’ ou ‘vagabundas’ (Mattos e Ferreira, 2004). O argumento por provas concretas, baseado nos números obtidos na pesquisa, apela para o reconhecimento da população de rua como população ativa: 71% trabalham. Aliada a isso, a referência à multiplicidade de fatores que levam à situação de rua desconstrói discursos que simplificam o problema.

Aqui, cabe recorrer ao estudo de Lopes (2009: 125) sobre a situação de rua – para a autora, não se pode deixar de reconhecer as “múltiplas determinações” da situação de rua; e ela elenca três condições que, apesar da heterogeneidade da população em situação de rua, são comuns às pessoas nessa situação: a pobreza extrema, a ruptura ou fragilização de laços familiares e a inexistência de moradia convencional regular. Não obstante, via de regra a situação de rua é texturizada como escolha individual, como responsabilidade exclusiva do indivíduo, desvinculada de problemas sociais mais amplos. Isso serve de base sustentadora da ideologia que considera essa ‘escolha’ *per se*, como comprova a pesquisa realizada por Costa *et al.* (2008:13-4). Para o pesquisador, “persiste uma perspectiva culpabilizante da própria população pobre, associando essa condição à preguiça/ falta de força de vontade destas pessoas”. Mas quando, no texto do *Portal Fala Rua*, se enfatiza o contingente populacional que enfrenta a situação de rua e a diversidade de fatores associados à situação de rua como questão social, pontua-se a complexidade também de seu enfrentamento, o que nos leva à quarta e última parte do texto, que aparece destacada por um subtítulo:

(8) Plano Nacional para População de Rua

Dia 23 de dezembro, o presidente Lula assinou decreto que institui a Política Nacional Para a População de Rua. A iniciativa deverá unir todas as ações do Governo Federal e será coordenada pela Secretaria Especial de Direitos Humanos. Um Comitê Nacional já foi formado e está se reunindo para criar propostas concretas que visem atender a população de rua. Segundo Frei Henrique, entre as propostas encaminhadas já estão a criação de centros nacionais e regionais de Direitos Humanos para a população de rua.

“Esperamos que este plano possa realmente mudar a situação das pessoas de rua e que casos como o da chacina em Salvador não possam se repetir e muito menos ser apagados da memória das pessoas”, ambiciona Frei Henrique.

Ao final do texto, mais uma vez, há a referência explícita ao Estado e a seu papel no enfrentamento do problema, pela proposição de políticas públicas especificamente voltadas para esse segmento populacional. Se pensarmos nesse texto em termos de sua organização retórica, podemos dizer que as quatro partes que compõem a matéria jornalística vão da narrativa de um

evento particular até a argumentação em torno de práticas mais amplas: parte-se do assassinato dos quatro homens em Cabula IV, na primeira parte, para a organização do “povo da rua” e sua capacidade de mobilização. Mais que isso, na segunda parte enfatiza-se a possibilidade de a população em situação de rua ser fonte de outros discursos sobre o problema enfrentado, com potencial para transformar os modos como outros grupos sociais ‘veem’ a questão. Na terceira parte do texto, institucionaliza-se o problema pela referência à pesquisa realizada pelo Estado, que comprova com números a diversidade de fatores associados à situação de rua. Isso aponta, na quarta parte, para a complexidade do enfrentamento do problema, que, por ser complexo, exige políticas públicas específicas, articulando os diferentes setores do governo.

A matéria mobiliza os pré-gêneros narração, descrição e argumentação.¹¹ A narração predomina nas duas primeiras partes do texto – a função dessas partes é contar fatos: na primeira parte retomando a história da chacina e na segunda parte noticiando a celebração. Na primeira, os processos estão no passado, tempo nuclear do mundo narrado, mas na segunda parte, embora ainda haja foco no passado, já começa a virada para o mundo comentado. Na construção da narrativa da celebração, os processos no passado são “foi realizada” [a celebração], “estiveram presentes” [diversos grupos sociais, reunindo pessoas em situação de rua, políticos/as e “pessoas engajadas na luta”], “foi organizada” [“pelo povo da rua”] e “foi mostrada” [“a força do testemunho dos moradores de rua”]. A representação da população em situação de rua aqui é muito distinta do convencional na mídia: o grupo é representado como ativo, organizado e passível de integração com outros grupos sociais. E a situação de rua é representada como objeto de luta e engajamento, muito diferente da representação mais comum como desconforto ou insegurança – vamos lembrar que a motivação aventada em *A Tarde OnLine* para a chacina, sem esforço retórico de qualquer explicação, é “para tirar os moradores de rua da área”. Ainda nessa segunda parte, aparecem afirmações sobre o futuro: “muitas pessoas poderão ver os moradores de rua como homens e mulheres capazes”, “pode haver um impacto positivo a longo prazo”, “Esperamos que a sociedade possa despertar e ter um olhar diferente”, “Que possam ver o morador de rua como um ser humano cheio de potencial”. Entretanto, apesar de ousar afirmações sobre o futuro, essa parte do texto não economiza em elementos modais de possibilidade, e a própria escolha do verbo *dicendi* selecionado para articular a voz de Frei Henrique Peregrino, “almeja”, denota a necessidade de engajamento e a natureza utópica do objetivo. A terceira parte do texto atualiza principalmente o pré-gênero descrição, com predominância de verbos no presente. O efeito é a caracterização da situação de rua como complexa, associada a diferentes fatores sociais e relações causais. As informações organizadas para a descrição são institucionais, resultado de pesquisa realizada pelo MDS, e pormenorizadas com números e percentuais, o que tem efeito retórico de legitimação das informações. Prepara-se aí o terreno para a quarta e última parte do texto, quando se focaliza a necessidade de “propostas concretas que visem atender a população de rua”, dadas as suas especificidades como grupo populacional e a complexidade da questão.

Vinculando-se a uma lógica explanatória, o texto veiculado no *Portal Fala Rua* constrói ‘olhar’ ampliado, reconhecendo relações entre os modos de representação da situação de rua e os modos como agimos em seu enfrentamento. Assim, o texto apresenta discursos alternativos sobre o problema, subvertendo o fracionamento que minimiza a questão social. Se por um lado nesse texto as vítimas da chacina são representadas como indivíduos específicos, por nomeação, por outro lado há um esforço em representar também o grupo populacional e sua complexidade, o que conclama a necessidade de luta e engajamento. Ao mesmo tempo, nessa representação se reconhece a possibilidade de essa população constituir um ator social coletivo que ‘organiza’ e ‘realiza’, e cujo ‘testemunho’ tem ‘força’.

4. Considerações finais

Infelizmente, no que se refere às chacinas contra pessoas em situação de rua, nosso presente histórico encena um triste recrudescimento desse tipo de violência. Olhar para os modos de representação da situação de rua na mídia tradicional e na mídia alternativa nos permite enfatizar o caráter parcialmente discursivo da questão.

A representação frequente do problema como sendo as pessoas em situação de rua, e não a situação de rua em si, possibilita a omissão do poder público e de sua responsabilidade sobre a violência da privação de direitos para a população em situação de rua, em representações

discursivas amplamente divulgadas pela mídia tradicional. Assim é que a ausência do Estado entre os atores social representados em *A Tarde OnLine* representa uma ausência significativa, nos termos de van Leeuwen (2008).

A representação da chacina em *A Tarde OnLine* tem o efeito de atomizar o evento, desvinculando-o da história recente e apagando relações causais. Por seu vínculo a uma lógica de aparências, o jornal dilui a violência específica contra a população em situação de rua, já que a representação do evento é descolada da questão social mais ampla. Isso está de acordo com o padrão representacional da situação de rua na mídia tradicional, como atesta o estudo empreendido por Valencio *et. Al* (2008), segundo o qual o discurso e as práticas da intolerância aí se difundem. No *Portal Fala Rua*, ao contrário, a caracterização da situação de rua como complexa associa diferentes fatores sociais em relações causais, o que sinaliza uma lógica explanatória. Garantir a compreensão da natureza complexa do problema é um caminho para sua desnaturalização, o que pode ter como efeito a emergência de outros discursos sobre a população em situação de rua e os modos de enfrentamento a essa situação. Isso é fundamental, já que as violências a que estão sujeitas as pessoas em situação de rua em decorrência da intolerância são, além de frequentes, de diversas ordens. Sem dúvida, o símbolo máximo dessa violência é a chacina, o extermínio, o assassinato. Entretanto, é também violência o desprezo, a invisibilidade, a indiferença. O que terá havido com nosso sentido de humanidade que nos permite ver seres humanos destituídos de qualquer direito sem nos indignarmos? O que permite que sigamos em frente em nossos caminhos, atrás de nossos muitos afazeres, sem nos darmos conta de nossas responsabilidades pela manutenção desse estado de coisas? Não temos dúvida de que se trata de um problema também discursivo.

Notas

1. Uma versão anterior deste trabalho, inédita como texto completo, foi apresentada oralmente no *IX Congresso Latino-Americano de Estudos do Discurso – Discursos da América Latina: Vozes, Sentidos e Identidades*, realizado, em 2011, na Universidade Federal de Minas Gerais.
2. Exemplo disso é a Red latinoamericana de análisis crítico del discurso de las personas sin techo y en extrema pobreza (REDLAD), que, com o objetivo de estudar a representação de situações de extrema pobreza nos países membros, foi fundada em 2005, no Congresso da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso (ALED), em Santiago do Chile.
3. A Adital, Agência de Informação Frei Tito para América Latina, é “uma agência de notícias que nasceu para levar a agenda social latino-americana e caribenha à mídia internacional”. Segundo informação disponível no portal, a Adital dedica-se a “estimular um jornalismo de cunho ético e social”. Disponível em <www.adital.com.br>.
4. Embora todas as diferentes versões dos estudos críticos do discurso compartilhem traços que garantem a coerência epistemológica desse campo interdisciplinar, falar em ADC não significa fazer referência a um corpo homogêneo em termos teóricos e metodológicos. Ao contrário, a ADC configura “um conjunto de abordagens científicas interdisciplinares” com vistas a estabelecer estudos críticos da linguagem como elemento de toda prática social (Ramalho & Resende, 2011: 12). Como se trata de um conjunto de abordagens, estamos diante de um campo heterogêneo em suas propostas teórico-metodológicas, que, ainda assim, guardam pontos em comum. Além do caráter posicionado, outros desses pontos é a interdisciplinaridade: todas as diferentes versões de ADC buscam informação nas ciências sociais para construir teorias do funcionamento social da linguagem. No caso do enquadre de ADC desenvolvido por Fairclough, há ampla inspiração no Realismo Crítico (Bhaskar, 1989).
5. De acordo com a *International Network of Street Papers*, os *street papers* são definidos como jornais e revistas independentes, vocacionados a *oferecer oportunidades de trabalho e geração de renda* para pessoas em situação de rua, além de *garantir um apoio social mais ampliado*. Em relação à geração de renda, a distribuição dessas publicações acontece nas ruas, sendo vendidas por pessoas em situação de rua ou de risco. Cada vendedor/a administra a quantidade de jornais ou revistas que pretende comercializar, pagando pela unidade um valor que não ultrapassa a metade do preço de capa, e ficando com todo o dinheiro da venda. Em relação ao apoio social mais amplo, essas iniciativas costumam ser projetos de organizações não governamentais mais abrangentes, que sustentam tanto as publicações como outros projetos institucionais.

6. O objetivo do projeto é investigar as cinco publicações localizadas, em língua portuguesa, voltadas para a abordagem específica da população em situação de rua. São elas: a revista *Ocas* e o jornal *O Trecheiro*, de São Paulo; o jornal *Boca de Rua*, de Porto Alegre; o jornal *Aurora da Rua*, de Salvador; e a revista *Cais*, de Lisboa. O projeto integrado, que está em andamento, articula as pesquisas de Andreia Santos, que investiga o *Boca de Rua*, Pilar Acosta, que se dedica a *O Trecheiro* e *Ocas*, Gersiney Pablo Santos, que pesquisa o *Aurora da Rua*, e Viviane Resende (coordenadora do projeto), que investiga a *Cais*.
7. Os textos estão disponíveis na Internet, respectivamente em <<http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=1341896>> e em <<http://falarua.org/index.php?display=journal&id=47>>. Acesso em maio de 2011.
8. Segundo Halliday (2004: 75), a modalidade é “o julgamento do falante sobre as probabilidades ou obrigatoriedades envolvidas no que diz”. Para Fairclough (2003: 166), “a questão da modalidade pode ser vista como a questão de quanto as pessoas se comprometem quando fazem *afirmações, perguntas, demandas* ou *ofertas*”. Afirmções e perguntas referem-se à troca de conhecimento; demandas e ofertas referem-se à troca de atividade. Em trocas de conhecimento, a modalidade é *epistêmica*, refere-se ao comprometimento com a ‘verdade’; em trocas de atividade, a modalidade é *deôntica*, refere-se ao comprometimento com a obrigatoriedade/ necessidade.
9. Disponível em <http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=N&cod=45305>. Acesso em outubro de 2011.
10. Sem precisar remontar à origem do conceito, assumimos com Fairclough (2001: 155) que pressuposições são “proposições tomadas pelo produtor do texto como já estabelecidas ou ‘dadas’”, que podem ser engatilhadas por diversos recursos linguísticos.
11. Como explicam Ramalho e Resende (2011:164), “gêneros implicam atividades específicas, ligadas a práticas particulares. Cada atividade social possui propósitos específicos, então, um aspecto importante na análise de gêneros diz respeito a ‘o que as pessoas estão fazendo discursivamente’, e com quais propósitos, segundo Fairclough (2003:70). Tais propósitos materializam-se em textos no que é chamado de estrutura genérica, um aspecto textual moldado por gêneros discursivos. O autor pondera, entretanto, que a análise de ‘propósitos da atividade’ deve ser cautelosa, pois diferentes propósitos podem estar combinados hierarquicamente, mesclados, implícitos, de maneira que a fronteira entre eles pode não ser tão clara. Essa estrutura pode ser mais homogênea em determinados gêneros, com elementos ou os estágios textuais bastante fixos, previsíveis, ordenados e de fácil identificação. Em outros gêneros, mais livres, heterogêneos, plásticos, pode não ser possível verificar tal estrutura. Por esse motivo, pode ser insuficiente abordar certos gêneros em termos da estrutura genérica. Neste caso, é possível identificar uma macro-organização ou organização retórica do gênero, mas não uma ‘estrutura’, que pressupõe elementos/estágios em ordens mais fixas.”

Referências bibliográficas

- Acosta, M. P. T., Resende, V. M. (no prelo). “Não deu no rádio, no jornal ou na televisão”. Análise discursiva crítica de textos do jornal *O Trecheiro*, in M. A. Otonni & M. C. Lima (orgs.). *Análise de discurso crítica. Teoria e aplicação em diferentes contextos*. Campinas: Pontes.
- Alexandre, M. F. & Resende, V. M. (2010). ‘Representação discursiva da pobreza extrema – Análise discursiva crítica de um testemunho publicado em editorial da revista *Cais*’. *Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso (ALED)*, 10: 134-143.
- Bhaskar, R. (1989). *The possibility of naturalism: A philosophical critique of the contemporary human sciences*. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf.
- Costa, A. B. (org.) (2008). *Um olhar sobre a pobreza. Vulnerabilidade e exclusão social no Portugal contemporâneo*. Lisboa: Gradiva.
- Fairclough, N. (1989). *Language and power*. Londres: Longman.
- Fairclough, N. (1997). ‘Discurso, mudança e hegemonia’, in E.R. Pedro (org.). *Análise crítica do discurso: Uma perspectiva sociopolítica e funcional*, pp. 77-104. Lisboa: Caminho.
- Fairclough, N. (2000). ‘Discourse, social theory, and social research. The discourse of welfare reform’. *Journal of Sociolinguistics*, 4(2): 163-195.
- Fairclough, N. (2001). *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília.
- Fairclough, N. (2003). *Analysing discourse. Textual analysis for social research*. Londres: Routledge.

- Fairclough, N. (2010). *Critical discourse analysis. The critical study of language*. 2 ed. Londres: Longman.
- Gramsci, A. (1995). *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Halliday, M. A. K. (2004). *An introduction to functional grammar*. Revisado por Christian Matthiessen. Londres: Hodder Arnold.
- INSP (International Network of Street Papers/ Rede Internacional de Jornais de Rua). *What is a street paper?*. Disponível em: <<http://www.street-papers.org>>. Acesso em julho de 2011.
- Lopes, L. (2009). *Trabalho e população em situação de rua no Brasil*. São Paulo: Cortez.
- Mattos, R. M. & Ferreira, R. F. (2004). 'Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua'. *Psicologia & Sociedade*, 16 (2): 47-58.
- ONU (Organização das Nações Unidas). Habitat. 100 million homeless in world. Most are women and dependent children. Disponível em: <<http://www.un.org/Conferences/habitat/unchs/press/women.htm>>. Acesso em julho de 2011.
- Pardo Abril, N. (2007). *Cómo hacer análisis de discurso crítico*. Santiago: Frasis.
- Pardo Abril, N. (2008). *¿Qué nos dicen? ¿Qué vemos? ¿Qué es... pobreza?* Bogotá: Universidad Nacional de Colombia.
- Ramalho, V. & Resende, V. M. (2011). *Análise de discurso (para a) crítica: O texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes.
- Resende, V. M. (2009). *Análise de discurso crítica e realismo crítico*. Campinas: Pontes.
- Resende, V. M. (2010). *Publicações em língua portuguesa sobre a situação de rua: análise de discurso crítica*. Projeto integrado em andamento. Brasília: Universidade de Brasília.
- Richardson, J. E. (2007). *Analysing newspapers. An approach from critical discourse analysis*. Nova York: Palgrave Macmillan.
- Ruggi, L.; Barboza, R. (2011). 'Extermínio brutal'. *O Trecheiro*, Ano XX, Novembro/Dezembro, 203: 3.
- Thompson, J. B. (1995). *A mídia e a modernidade*. Trad. W. de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes.
- Thompson, J. B. (2009). *Ideologia e cultura moderna*. Trad. C. Grisci et al. Petrópolis: Vozes.
- Valencio, N. F., Marchezini, V., Pavan, B., Siena, M. (2008). Desterritorialização e desfiliação social: uma reflexão sociológica sobre ações públicas junto à população em situação de rua. In N. F. Valencio, A. Cordeiro, A. (orgs.). *Anais do Seminário Nacional População em Situação de Rua*, pp. 41-50. São Carlos: Universidade de São Carlos.
- Van Dijk, T. (2010). *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto.
- Van Leeuwen, T. (2008). *Discourse and practice: new tools for critical discourse analysis*. Nova York: Oxford.

Viviane de Melo Resende é Doutora em Linguística, professora adjunta do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, pesquisadora do Programa de Pós Graduação em Linguística e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional, coordenadora do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELiS/UnB: www.nelis.unb.br), coordenadora do grupo de pesquisa "Mobilização, direitos e cidadania: ação, representação e identificação no discurso" (DGP/CNpq).

Correo electrónico: viviane.melo.resende@gmail.com.

Andreia Alves Dos Santos é Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Está na fase final de elaboração de sua dissertação, orientada pela Profa. Dra. Viviane de Melo Resende. É membro do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELiS) do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) da UnB. É filiada à Asociación Latinoamericana de Estudios del Discurso (ALED). É Integrante da equipe do projeto "Publicações em Língua Portuguesa sobre a população em situação de rua". Participa do grupo de pesquisa "Mobilização, direitos e cidadania: ação, representação e identificação no discurso" (DGP/CNpq).

Correo electrónico: deia.santos27@yahoo.com.br